**ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE O PLANEJAMENTO ENQUANTO ATO E PROCESSO QUE TAMGEM O CAMPO DO ENSINO-APRENDIZAGEM EM VÁRIOS NÍVEIS**

José Emerson Sampaio de Carvalho²

Autor, UERN - CAMEAM

[emersonsampaio@gmail.com](mailto:emersonsampaio@gmail.com)

Antônia Kayanne Alves de Queiroz¹

Coautora, UERN - CAMEAM

[kayalvesdq@hotmail.com](mailto:kayalvesdq@hotmail.com)

Talita de Sousa Brilhante³

Coautora, UERN - CAMEAM

[Talitabrilhante02@hotmail.com](mailto:Talitabrilhante02@hotmail.com)

**RESUMO**

O trabalho aqui apresentado desenvolveu-se com o intuito de se refletir sobre o ato de planejar, tendo em vista a sua importância na prática didática e consequentemente no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, temos como objetivo fazer-se notória a relevância da ação do planejamento para uma aula produtiva, eficaz e transformadora. A metodologia desse trabalho se dá a partir de um questionário diagnóstico com questões referentes ao assunto, aplicado a uma docente da segunda série do ensino fundamental. A pesquisa tem como aporte teórico, autores como Godoy (2009), Menegolla (1991), Haydt (2006) através dos quais podemos compreender o processo e a importância do planejamento para a ação didática. Pôde-se concluir que o ato de planejar se caracteriza como indispensável para que o professor tenha bom êxito em seu magistério. E quando falamos em planejar, estamos falando em fazê-lo com dedicação e compromisso, utilizando o tempo disposto para essa ação de maneira funcional e flexível, levando em consideração especificidades e dificuldades dos alunos como um todo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Planejamento. Plano de aula. Prática didática.

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho apresenta discussão e análise referentes ao planejamento, ferramenta utilizada pelo professor para organizar seu plano de aula, abordagens e atividades. Esta ferramenta está presente na rotina de, praticamente, todos os professores, e faz-se importante um questionamento sobre ela: qual o seu valor? Para tal discussão e considerações, fez-se uso de um questionário contendo oito (08) questões correspondentes ao objeto a ser analisado, o qual foi enviado à uma professora atuante na segunda série de ensino fundamental.

Falar sobre planejamento é remeter ao processo contínuo de pensar na turma, nas peculiaridades, e nas atividades que, por vezes, dizem respeito especificamente ao livro didático e, em outras, fogem, ainda que minimamente, das atividades propostas. É pensar na melhor forma, ou, na mais prática forma de envolver os alunos nas atividades de sala e obter sua participação. Tudo isso, obviamente, partindo primeiramente do plano metodológico a ser desenvolvido pelo professor.

No entanto, sabemos que, ainda que inapropriado e confuso, há docentes que pouco planejam, chegando a fazer uso de um único plano de aula para distintas turmas, sendo as razões para isso, as mais variadas: desde pouco tempo livre disposto para o processo, até pouco comprometimento; temos que admitir que em todos os campos e áreas haverá profissionais pouco comprometidos. Entretanto, nosso olhar se voltará para esse processo realizado na realidade de uma professora que de fato faz uso dessa ferramenta em sua prática.

Visamos evidenciar a importância do ato de planejar para uma aula construtiva e interativa, sem haver, por parte do professor, confusão em como prosseguir ou com a administração do tempo, se o mesmo se basear num “roteiro” previamente desenvolvido e concluído, e apto para modificações no caso de imprevistos; no entanto, planejar não é garantia de conseguir que todas as aulas sejam inteiramente produtivas.

Como cita Godoy (2009): “Essa organização do trabalho docente ajuda muito na distribuição do tempo disponível para o desenvolvimento das atividades do ensino e do aprendizado. Assim, podemos afirmar que não basta um bom planejamento para se ter uma boa aula, pois uma coisa não é consequência da outra.” (p. 59). Assim, iremos tratar do planejamento dentro da forma como é visto e tratado no próprio âmbito do uso.

**METODOLOGIA**

Este trabalho foi desenvolvido a partir da elaboração de um questionário diagnóstico que teve como intuito analisar e compreender a forma como o educador lida com o planejamento em seu dia a dia. O questionário foi aplicado a uma professora da segunda série do ensino fundamental.

Após avaliação das respostas dadas pela professora entrevistada, buscamos analisar, com base no *corpus*:

* Como se dá e como é tido o processo de planejar para o professor;
* Quanto tempo é reservado para esse processo;
* Quais os objetivos são visados alcançar com ele;
* Sua porcentagem de êxito diante à prática do que foi proposto;
* Se há um segundo planejamento para ser executado, caso haja imprevistos que sabotem o primeiro;
* E a importância dessa ferramenta para o professor em sua rotina letiva.

Nesse sentido, apresentaremos nas próximas sessões o que foi possível detectar a partir dessas indagações, sobre a forma como o planejamento é tratado pelo professor, levando em consideração aspectos como suas dificuldades e falta de aprofundamento no que diz respeito ao ato de planejar.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O ato de planejar sempre acompanhou o homem enquanto ser pensante ao longo de seu trajeto histórico evolutivo, uma vez que suas estratégias objetivas, direcionadas ao mais corriqueiro dos resultados, viabilizam a obtenção de êxito de maneira racional. “O homem no uso de sua razão sempre pensa e imagina o seu ‘que fazer’, isto é, as suas ações, e até mesmo, as suas ações cotidianas e mais rudimentares. O ato de pensar não deixa de ser um verdadeiro ato de planejar” (MENEGOLLA, SANT’ANNA, 1991, p. 15).

Desse modo, o planejamento se configura enquanto um processo mental que envolve análise, reflexão e previsão, e ainda nesse sentido, enquanto um ato involuntário, atrelado ao pensar, à tomada de decisões e a projeção de ações, assegurado a qualquer indivíduo: do letrado ao analfabeto, ao cientista e ao técnico, ao especialista e ao pedagogo. Tudo é pensado e planejado na vida humana, e para situações específicas e não raras, existe o planejar de forma metodológica e altamente científica, adentrado em princípios teóricos e estruturalmente sistemáticos; portanto, um planejamento técnico, no qual o domínio e a execução prática estão voltados para esta natureza.

Acerca do planejamento científico, daremos respaldo à sua aplicabilidade no campo do ensino-aprendizagem, e adentraremos de forma sucinta nos variados níveis agregados à esfera da educação e do ensino fundamentados nos pressupostos de Haydt (2006). No nível do **planejamento de um sistema educacional** são analisadas as multifaces deste sistema, levando em conta a sua abrangência nos polos municipal, estadual e nacional. Objetiva-se encontrar soluções para as dificuldades delimitadas a partir da análise.

O **planejamento escolar**, como se subentende mediante sua nomenclatura, se configura no âmbito e funcionamento da escola. Se enfatiza nos objetivos a serem atingidos e na previsão de ações que devem ser realizadas por todos os segmentos que constituem a escola. Enquanto o **planejamento curricular** consiste na elaboração eficiente de um currículo, de modo que seus componentes venham a contribuir significativamente para o processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, a seleção dos conteúdos é feita de forma criteriosa e funcional.

Por fim, o **planejamento didático ou de ensino**, que vem a ser a concretização específica e operacional do plano curricular. Este planejamento está voltado para a previsão das ações e procedimentos realizados pelo educador junto ao educando. É, ainda, um processo que compreende operações como: analisar, refletir, definir, selecionar, estruturar, distribuir ao longo do tempo, prever formas de agir e organizar. Este processo resulta no que se verifica enquanto *plano didático*, e segundo Haydt (2006), existem três tipos de planejamento didático ou de ensino, que são relacionados de acordo com seu nível de especificidade crescente:

1. Planejamento de curso;
2. Planejamento de unidade didática ou de ensino;
3. Planejamento de aula.

Em suma, a funcionalidade do planejamento voltado para práticas didáticas, assim como em qualquer campo de atividade humana se designa à previsão e superação de dificuldades que podem vir a ser recorrentes ao longo do processo de ensino e aprendizagem; controlar e evitar que a prática docente torne-se mecânica e rotineira; contribuir para que o trabalho pedagógico esteja adequado aos recursos disponíveis e à realidade sociocultural do educando; adequar ainda, os conteúdos, o procedimento avaliativo e a execução metodológica aos objetivos estabelecidos, e também, assegurar que as aplicações designadas à aula sejam adequadamente distribuídas acerca do tempo disponibilizado.

[...] É por isso que a professora Edna Cruz afirma que “uma das atividades básicas da qual depende em grande parte o êxito da ação docente é o planejamento didático. Talvez seja ela a atividade que menos preocupa os professores e a que se realiza de forma mais desvirtuada. Falha-se quanto aos reais objetivos do planejamento quando se faz dele mera atividade burocrática, um trabalho a mais a ser cumprido pelos professores que não se apercebem de suas finalidades” (HAYDT, 2006, p. 104).

Assim sendo, se faz plausível a concepção do planejamento enquanto um processo mental que, numa perspectiva funcional, resulta na ação didática organizada e proficiente, ao passo de que é importante e indispensável em qualquer trabalho e setor. Pode-se conceber, também, que o ato de planejar fornece ao educador uma capacitação em larga amplitude. Compete a este tomar por princípio que, planejar é, por tanto, refletir, prever, criar e agir. Tal como fundamentar sua prática em critérios de objetividade, funcionalidade, clareza e flexibilidade viabilizando maior eficiência e/ou ajuste no que tange a ação didática, levando em conta a realidade, as necessidades e interesses do aluno.

**UM PANORAMA ACERCA DO PLANEJAMENTO E REPLANEJAMENTO**

Mediante o que foi explanado na seção anterior, consideramos um instrumento valoroso para a sucessão deste estudo uma análise pautada no ponto de vista de uma educadora atuante nos anos iniciais do ensino fundamental, acerca do planejamento didático ou de ensino. Para a coleta qualitativa dos dados, realizou-se um questionário maneado por 8 (oito) questões subjetivas.

Na ocasião, ao responder o questionamento “Para você, o que é planejar?”, a educadora caracteriza o ato enquanto “Toda a ação executada pelo professor durante o processo de ensino-aprendizagem”. Em sua resposta, ela destaca ainda a importância de se estabelecer uma boa relação entre aluno e professor, argumentando ser essencial para o desenvolvimento do educando, e que por intermédio deste relacionamento ou a omissão dele, se dá a ampliação ou bloqueio da aprendizagem, o sucesso ou o fracasso da prática didática.

Acerca desta relação professor-aluno, Haydt (2006), fundamentada nos pressupostos de Heinrich Pestalozzi (1746-1827) afirma que um dos princípios educacionais por ele efetivados, é que: A relação entre o mestre e o discípulo deve ter como base o amor e o respeito mútuo. Pestalozzi escreveu várias obras sobre educação e dedicou também grande parte da sua vida à preparação de professores.

No prosseguir das resoluções, a educadora reconhece o ato de planejar enquanto oportuno para a efetuação da avaliação voltada para a prática pedagógica, tal como a reflexão acerca das suas ações didáticas, “[...] ações que são organizadas em planejamento mensal e rotina diária”, ressalta. Tal prática de refletir em virtude da aplicabilidade em sala de aula, quando reconhecida pelo docente, é de suma relevância para o aprimoramento prático e superação das dificuldades constatadas.

Nesse panorama, Haydt (2006) traz a seguinte concepção sobre o planejamento: “[...] ele representa uma primeira aproximação de medidas adequadas a uma determinada realidade, tornando-se, através de sucessivos replanejamentos, cada vez mais apropriado para enfrentar a problemática desta realidade” (HAYDT, 2006, p. 118).

Quanto ao cumprimento integral do que é estipulado durante o planejar, a professora ressalva o perfil heterogêneo da turma. São reconhecidas por ela as limitações específicas da turma nos diversos níveis de aprendizagem: “alguns tímidos, outros barulhentos, seria hipocrisia minha dizer que consigo cumprir cem por cento do que foi planejado todos os dias em sala de aula. Há dias em que não consigo, pois existem vários fatores que contribuem, levando em conta também que os saberes são diferenciados e que cada criança tem seu tempo”.

Dessa forma, mediante o processo de reconhecimento das especificidades circundadas à turma, verifica-se que tais particularidades não podem ser deixadas em segundo plano, logo, devem ser levadas em consideração de modo concludentemente funcional. Ao responder um questionamento voltado para esta concepção, a educadora afirma levar em conta os aspectos mencionados por ela na resposta anterior. Ela alega: “Sim, pois cada criança se difere em relação às outras, e os níveis de saber também são distintos. Não adianta ‘forçar’ a criança, pois algumas têm limitações, e seu processo de desenvolvimento é lento”.

Por desfecho, questionou-se à docente o que ela espera enquanto resultado decorrente do planejamento, bem como verifica a efetivação dos resultados obtidos. Segundo ela, suas expectativas se voltam para a otimização contínua do processo de ensino-aprendizagem, desse modo, os objetivos estabelecidos em seu planejamento serão alcançados. Acerca da verificação dos resultados obtidos, sua resposta pleiteia a utilidade de uma avaliação diagnóstica que vem a averiguar o nível de aprendizagem atingido por cada aluno, ao passo de que esses resultados são responsáveis por fomentar a repercussão crítica e metodológica relativa a necessidade de replanejar sua prática pedagógica.

Assim sendo, o replanejamento se configura enquanto um procedimento contínuo e preciso, tendo em vista que não devemos conceber o planejamento enquanto um processo pronto, imutável e definitivo. Tais processos, comprometidos com a eficiente aprendizagem do aluno, estão interligados diretamente à competência prática/técnica e ao compromisso do educador. O planejar não pode ser neutro, mecânico ou desvinculado dos aspectos até aqui sobrelevados. Como defende Fusari (1984), citado por Haydt (2006), um bom planejamento conta com a competência do sujeito que o desenvolve. Um bom planejamento pode e deve ser amoldado dialeticamente à realidade, transformando-a.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ato de planejar configura-se como uma ação primordial para o trabalho docente, nessa perspectiva, espera-se que o professor o desenvolva com responsabilidade e zelo, consciente de que sua dedicação a essa ação acarretará resultados positivos ou negativos em seus alunos ao depender de seu desempenho enquanto mestre. Desse modo, é importante que o educador seja flexível, maleável e dedicado em seu planejamento, levando sempre em consideração as características e dificuldades dos discentes a ele confiados.

Um planejamento bem elaborado possibilita ao educador bom êxito em sua ação didática, mesmo que ele não o consiga aplicar de maneira integral no tempo de sua aula, pois o mesmo estará respaldado e seguro de seu trabalho e assim o realizará de maneira plena e eficaz. Afinal, um bom plano de aula possibilita ao educador saídas para possíveis “momentos de emergências” que possam vir a acontecer ao decorrer da aula.

Usar o tempo disposto para o planejamento de maneira proveitosa caracteriza-se numa ação plausível para qualquer educador. Planejar, replanejar, criar estratégias e adaptações pensando nas necessidades e dificuldades do aluno é de suma importância para a eficácia da prática didática. Não se faz uma boa aula sem um bom planejamento, e não se faz um planejamento sem um bom e comprometido professor.

**REFERÊNCIAS**

GODOY, Anterita Cristina de Souza; **Fundamentos do trabalho pedagógico**. Campinas, SP; Ática, 2009.

MENEGOLLA, M., SANT’ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar?**. Petrópolis, RJ; Vozes, 1991, p. 15.

HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. São Paulo, SP; Ática, 2006.